



# VIKING

MOA SIPRIANO

m o a s i p r i a n o . c o m

# **VIKING**

Moa Sipriano

Acordei embriagado por uma sensação estranha, sufocante, espinhosa.  
No automático, liguei para o Marcos.  
Confirmei minha presença em sua casa, dentro de duas horas.

Reciclando a rotina, seria a nossa primeira reunião do mês. Precisávamos definir os pormenores de uma nova exposição. Ele criava quadros e esculturas incompreensíveis. Eu que me virasse para vestir, perfumar e apresentar sua arte para o mundo.

No Brasil, nós dividíamos as merrecas arrecadadas. Ah, que saudades de Pelotas! Angustiado além da loucura, tratei de acelerar meu cotidiano. Engoli cafés de ontem, tomei um banho em jatos, escovei porcamente os dentes, destrocei uma maçã.

Salpicado em calafrios, peguei as chaves, fiz um carinho besta na Beena, tranquei o portão e, finalmente, ganhei as bênçãos ofegantes dum Sol sonolento.

Durante minha caminhada sagrada, atarantado, eu não conseguia decidir a companhia ideal para as dez de uma distorcida manhã.

Idina Menzel ou Marlon Roudette?

Fui de Pet Shop Boys mesmo.

Avançando os metros necessários, a cada passada meu peito se comprimia mais e mais. Era acachapante a doentia vontade de chorar, gritar, enfiar minha cabeça no próximo tronco de árvore que pipocasse logo à minha frente.

A dançante música pop destoava do meu ritmo travado.

Eu não ia aguentar por muito tempo.

\* \* \*

Todos os dias, antes de iniciar qualquer atividade profissional, encaro uma toska sequência indestrutível: banho, punheta, café, brincadeiras com minha cachorra, longas escovadas no meu topete, duas *gotazzaro* nos pulsos e lá vou eu ziguezaguear pelo Parque Ecológico.

Uma hora, hora e meia depois, já de volta ao lar, trato de me enfiar na Internet, caçando lugares e oportunidades para expor as obras do Marcos, meu ex, hoje transformado em excelente amigo e aturável companheiro de trabalho.

\* \* \*

No final do segundo quilômetro, exausto sem motivos certos, cego em confusões, tratei de arremessar meu corpo pelúnico sobre o gramado amornado, próximo das quadras de tênis, onde um emaranhado de *minions* barulhentos tomava

bronca do professor que tentava, em vão, domesticar os pentelinhos e suas raquetes monstruosas, ameaçadoras.

A cena me proporcionou raro alívio. Comecei a rir, sem esconder minha patetice, recordando o quão terrível eu era quando criança. Imaginar o quanto meu paciente avô sofria com minhas travessuras. Puxa. Que saudade!

Inspirei o ar aguado. Derramei pérolas quebradiças. Procurei organizar meus pensamentos e sensações. Em vão.

\* \* \*

Ele surgiu envolto numa bruma alaranjada.

Passou por mim. Sorriu sem sequer disfarçar contentamentos.

Fez um círculo perfeito com a bicicleta, estacionando o cavalo galvanizado, literalmente, aos meus pés.

Sem pedir licença, ele aprumou o corpo-viking próximo ao meu estado de (todos os) alertas. O suor dourado bailava nas curvas perfeitas do seu rosto rosado, pintadinho.

Limpando as mãos antes cobertas de nevasdas farpas gramíneas, o estanho me cumprimentou efusivamente, enquanto eu ainda tentava compreender o fundamento da sua luminosa companhia.

Seu sorriso incandescente serviu como uma espécie de bálsamo. Em segundos, toda a dor que me acompanhara até aquele instante murchou e desencarnou, por simples encanto. Além da troca de cumprimentos cordiais, era preciso complementar o “muito prazer” com um rebuscado abraço ursino fora de ordens.

Que loucura!

Não sei por quanto tempo durou aquele nosso enrosco. Só sei que a significativa troca de energias revigorou de vez meu ser outrora enfraquecido.

Sem sombras da Dúvida, aquele urso branquelão – de cabeça raspada e um bem trançado rabinho de unicórnio – era a Duracell que eu tanto precisava.

Oh, como eu sou ridículo!

Tagarelamos como velhos conhecidos. Ríamos, fervíamos, rolávamos soltos sobre o tapete verde. A alegria contagiava nossa fantástica amizade. Amávamos nossos olhares como dois bobocas curtindo uma bolorenta Sessão da Tarde, entupidos de pipoca e guaraná.

O tempo passou, fora de prumo.

De repente, Viking alinhou seus óculos de finos aros dourados, enxugou as faces ardentes, pediu desculpas carregadas de culpa e, dominado por uma afobação muito além da minha compreensão, puxou-me com violência romanesca, onde seu olhar

violeta exigia o pagamento antecipado. Deflagrei meu beijo mais suave, mancomunado com nossas línguas em batalhas obscenas.

“Por favor, permaneça tranquilo. Eu voltarei... em breve!”, ele me encantou, em lágrimas sulfúricas, beijando a região mais erógena do meu pescoço; sua saliva exalando nostalgias mútuas.

“Eu serei paciente. Saberei esperar. Eu... eu... TE AMO!”, eu juro que gritei em silêncio, embebido em carinho adolescente.

Da mesma maneira que Viking se materializou na minha frente, ele partiu na sua nave magrela, fundindo-se ao longe no meio dos corredores amadores e idosos caminhantes.

\* \* \*

Levei sete minutos para alinhar meus pensamentos.

“Oh, nossa!”, comecei a tremer.

“Como pode...”, comecei a sacudir.

“Não é possível!”, comecei a alucinar.

Em pânico, tratei de caçar meu celular em algum ponto da grama macia. Meus dedos – em ritmo de *Break!* – não permitiam que eu pesquisasse o novo número do Marcos.

“Atende essa porra!”, eu delirava, após a quarta tentativa.

No quinquagésimo toque, o tosco gritou um:

“Fala, caralho. Te liguei um trilhão de vezes. Quase três da tarde. Onde você está?”

\* \* \*

O que aconteceu em seguida foi uma profusão de cenas não editadas. Eu gritando com Marcos. Ele impressionado do outro lado da linha. Eu implorando para que ele pegasse o carro e viesse me buscar. Ele correndo pela casa, tentando encontrar a chave e a lógica do meu destemperado. Eu enraizado no chão, sem forças para mais nada. Ele me pedindo para ficar calmo, que já estava na metade do caminho. Eu sem coragem de desligar o celular, o medo em ficar novamente sozinho arranhava minha alma cada vez mais doentia. Ele me xingando, perguntando o que eu havia cheirado. Eu rindo e querendo matá-lo, já que ele sabia que eu odiava qualquer traste alucinatório que não fosse sexo e cerveja. Ele encostando o Clio. Eu entrando, como um tiro cuspidor, não escarrado. Ele me abraçando, tonteado com meus tremores psicodélicos. Eu implorando, mais uma vez, para sairmos logo dali.

Nós dois na casa dele. Eu estatelado no sofá. Ele providenciando um chá de jasmim. Eu segurando a caneca amornada. Ele, diante do meu corpo eletrificado, aguardando – a paciência no limite! – respostas concretas.

\* \* \*

Lambendo o resto do chá, menos agitado, eu tratei de revelar o ocorrido.

“*Dêxovê* se eu entendi”, bocejou Marcos, enquanto decidia se ia ou não acender o sétimo cigarro do dia. Eu já conhecia seu novo vício-roteiro.

“Você estava caminhando no Parque Ecológico, parou para descansar um pouco, apareceu um bofe-david-copperfield; seu celular simplesmente perdeu o sinal, vocês conversaram e ele te beijou, tudo isso durou trocentas horas, ele foi embora e você... bem, você surtou por não ter trepado com ele... é isso mesmo?”, ironizou meu ex, chамuscando meus dilacerados sentidos com sua réstia de ciúme.

“Sim”, foi tudo que consegui devolver, com ódio vazando pelos poros.

A minha tolerância estava por um único e maldito fio.

“Bom, você é livre. Tem todo direito de curtir quem e como você quiser. É pena que o loiro-armário-de-cabeça-raspada-e-rabinho-dum-cavalo não deixou contigo uma forma de, sei lá, manter contato. Fazer o que, né?”, gargalhou Marcos, desconfortável.

Não deu mais para mim-eu-mesmo.

Estourei. Em gritos guturais!

“Marcos. Eu não tô arrasado por causa de uma foda não realizada”, tentei controlar minha raiva, sem nenhum sucesso.

“A questão é que eu conversei durante uma eternidade com um cara que sabia muita coisa sobre a MINHA pessoa. E eu sabia muita coisa sobre a VIDA dele. E o nível de cumplicidade, intimidade, irmandade entre nós deveria ser impossível para um simples primeiro encontro. Além disso, caralho, eu dialoguei todo tempo com o sujeito em nórdico antigo! Deu pra entender? Num perfeito e imaculado OLD NORSE!!!”, gritei até quebrar algum cristal encantado numa terra distante.

Marcos se transformou numa estátua de sal. Eu, acabado, só conseguia contar as centenas de lágrimas que carimbavam o piso de madeira coberto de pó e penúria.

“Eu não sei uma palavra em viquinglês. Nem na época que eu perambulava pelo Rio Grande do Sul eu arrisquei sequer um ‘bom dia’ noutra língua. Hoje, meu inglês e meu espanhol são rasteiros, você sabe, porcamente dá para me comunicar a contento com nossos clientes gringos... Jesus, que merda é essa?”, eu surtava, por completo.

“Eu não consigo entender. Não consigo entender mais nada!”, delirava o Grande Artista ao meu lado, agarrando as duas cabeças, afundando no centenário sofá de couro vermelho e bronze.

Procurando ser didático, tentei explicar para o bendito que o meu dia já havia começado de um jeito bizarro. As excruciantes dores no peito, a angústia cortante, a necessidade de sair de casa, a sensação deliciosa que senti quando Viking apareceu, a descontração em um magnífico bate-papo, a química de nossas peles e olhares, o beijo – ah, aquele beijo! –, o reencontro que deveria ser perfeito.

\* \* \*

Reencontro? Oh, céus! Não pode ser!

Não sei se por instinto ou por causa de um beliscão do Destino, de um salto, lembro que passei rasgando pelo Marcos, apanhei o controle remoto lá do outro lado da sala e sintonizei na Globo News.

Eu já sabia o que eu não sabia.

No repeteço de uma matéria, no meio de imagens nervosas, tremidas, impactantes, o repórter cantava a última tragédia, afirmando que segundo as autoridades locais, era confirmada a remota chance de haver algum sobrevivente.

“A lista, a bendita lista”, alguém sussurrou em estéreo no meu superconsciente.

Corri para o site da CNN. Rodei a tela, indo direto ao ponto.

Eu já sabia. Eu sempre soube!

Sem ciência de como agir, Marcos foi para o chão, acorrido ao lado das minhas coxas arrepiadas, acarinhando meu vazio repleto de inerências.

Eu chorava com pesar. A angústia só aumentava.

Eu queria vê-lo mais uma vez. Eu precisava da lazarenta da confirmação.

A lista, a maldita lista!

\* \* \*

Encontrei.

Na décima terceira posição, minha incredulidade esbarrou na sua foto. Deslizei meu indicador sobre aquela sua alva pele virtual. Cutuquei sua barba ruiva. Copiei seu nome, coleí minhas esperanças numa busca googleana.

Encontrei seu perfil no Facebook. Não sei por quantas eras vaguei pelos seus acontecimentos terrenos. Um misto de alívio e saudade pairou sobre meu coração hipnotizado.

Por instinto, um Marcos derrotado me deixou sozinho, agraciando meus recuperados sentimentos com um pouco de Roxette.

Bailando nos seus álbuns, eu avaliava seus sorrisos, caras e bocas, lugares e companhias. Adorei conhecer minha sogra. Delirei ao saber que você amava o Tim, um clone de São Bernardo com fuça e olhar de um super amicãozão.

Assistir aos vídeos do louco titio com suas energéticas sobrinhas criando asas nas neves me fez desabrochar um nostálgico sorriso.

Fui baixando algumas imagens, enquanto curtia no SoundCloud o seu bom gosto musical: pop inglês da melhor qualidade *ânus* oitenta, barra noventa.

Alimentei meu Google Drive com o seu passado agora bem presente na minha nova era.

\* \* \*

Eu não sustentava qualquer estrutura para compreender o que se passava na cabeça do Marcos. Lanchamos em silêncio-sepulcro. Eu, incrivelmente sereno em múltiplos pensamentos saudosos. Ele, deliberadamente distante, se corroendo em ciúmes e dúvidas e um sonoro “que-porra-é-essa?” a pinicar suas têmporas.

Tentei aliviar a ascendente tensão, afirmando que tudo não passou de um delírio da minha parte, que eu realmente havia ficado triste por não ter conseguido o número do telefone do loiro exótico; que era melhor eu voltar para minha casa e que continuaríamos nossas tarefas profissionais no dia seguinte.

Nada colou, na verdade. Nada fazia o mínimo de lógico sentido.

Nem pra mim, muito menos pra ele.

\* \* \*

A primeira reação que tive ao entrar no meu quarto foi ligar impressora e note, enquanto me despia, avaliando se eu deveria ou não tomar um banho demorado.

As águas (de um novo batismo) venceram.

K. D. Lang me fez companhia durante a purificação dos meus anseios através de generosas camadas de Natura-espuma.

Nu. A montanha de pelos arremessou seu lado vazio sobre a cama. Escolhi meu Viking posando ao lado do Morten Harket; ele todo eufórico agarrando com pouco respeito o seu ídolo “oitentista”.

Imprimi a foto, namorei a minha Verdade.

Aproveitei para chamar um “Stay on these roads” bem propício para a ocasião.

Beije em *looping* o pedaço de sulfite.

Eu não me cansava de (re) namorar meu único grande amor.

\* \* \*

O que devo revelar aqui e agora foi algo além de uma fértil imaginação. Foi a confirmação de uma realidade a consumir por completo raspas do tacho da minha atual existência.

\* \* \*

A porta do meu quarto foi escancarada, sem ser aberta. A presença em carne e luz surpreendeu minhas retinas. Viking pediu licença. Eu ri. Ele planou suas massas até os pés da minha acanhada cama de ferro e molas e espumas roufenhas. Eu retroiluminei meu olhar tremendamente maravilhado, assustado, assimétrico.

Sentíamos que era o momento ideal para aniquilar nossas (minhas?) dúvidas. Abrimos um diálogo sem a necessidade de palavras. Foi quando um indicador árdego besuntou meus lábios com fartas doses de um inexplicável “tente meditar, mantenha a serenidade!”.

Aquele rugoso dedo suave, imperador, deixou meus lábios serenos e tratou de avaliar meus traços faciais, onde em seguida duas mãos incrivelmente suaves aproximaram minha cabeça atordoada para perto, mais e mais perto, de um novo contato celestial.

Trocamos mil beijos no intervalo de um segundo.

Mesmo aflito e eufórico por ao menos um único fiapo de mínima razão capaz de abrandar as agruras da minha racionalidade, saber e sentir o calor de Viking – ali, naquele instante espantoso! – me proporcionava uma carga de tranquilidade muito acima da minha vã compreensão.

Olhar no olhar. Um assistia ao filme da vida do outro que se maravilhava com os reflexos opostos de uma louca atração a estraçalhar as barreiras do tempo-espço.

Entrei num estado catatônico, embasbacado com a ligeira e difusa percepção de uma aura “cróceo-impossível” a rodear meu Santo Viking. Meus quatro sentidos e meio foram reunidos para degustar as dádivas de um precioso esclarecimento.

“Você engordou. Está ainda mais delicioso”, ele disse, de cara quebrando todo o clima-tinker-bell.

“Você não aparou mais a barba. Está ainda mais sensual”, entrei na onda. “E agora tá usando óculos!”, emendei, noiado, como se eu estivesse naufragando numa lama cristalina, arenosa, invernal.

Após sete segundos de silêncio gutural, olhar-jade versus olhar bete-taylor, desabamos em gargalhadas revigorantes, rolando pela cama baixa, despencando nossos pelos e peles e perispíritos até alcançarmos – em *slow motion* – o encerado chão de madeiras centenárias.

Colocamos o nosso “fazer amor” em dia, onde o sexo terreno deu passagem ao enlace de vibrações gloriosas a promover orgasmos até então exclusivos apenas entre deuses e anjos.

Mesmo exaustos e elétricos, porém felizes, Viking não se cansava de bolinar minhas bochechas rosadas, meu nariz avermelhado e meu queixo cor de barba-de-ontem. O que mais impressionava minha alma cativa era o magnetismo orquestrado pelos nossos olhares quânticos.

Oh, minha Bombonjira Lady Gaga, por misericórdia, qual era a origem daquele amor?

Viking leu minha inquietude, traduzindo em bom sete a um as razões do nosso afeto além das estrelas.

“Eu pressenti que o avião ia se espatifar contra a terceira montanha coisa de três ou quatro minutos antes de todo mundo. Não acumulei sequer uma gota de pânico, justamente porque filamentos da minha atual passagem por aqui foram liberados numa única leva, com direito a uma voz em *off* a repetir um cadenciado ‘tente meditar, mantenha a serenidade!’

“Rever minha infância comum e corrente, curtir minha adolescência de descobertas desconcertantes, aprovar o lindo aflorar da minha homossexualidade, aplaudir a coragem de assumir minha maravilhosa opção, chorar com o apoio incondicional da minha mãe a me educar em ser bom, correto, sincero e transparente no Amor que hoje pode afirmar o Seu Nome por extenso...

“... compreender que eu não encontraria um grande companheiro, por causa do meu tempo limitado disponível na terrena experiência, onde eu deveria permanecer sozinho a fim de cumprir minhas próprias faltas egoístas noutra ocasião...”

O choque das revelações de Viking ampliaram meus horizontes. Revivi meus anos de caças sombrias, onde eu somente me importava com o suor do momento e a porra vitoriosa a escorrer de apressados corpos isentos de identidades. Eu nunca encontrava plena satisfação no sexo, sempre à procura de uma razão inexistente para justificar meu vício nefasto.

Apesar dos trancos e *barracos*, foi só em Marcos que encontrei um porto quase seguro, mesmo sabendo no meu íntimo que ele jamais seria meu tão sonhado príncipe deslumbrado.

Entre soluços e choros (mas sem o ranger de dentes artificiais), vislumbrei flashes: eu também havia cometido graves faltas em passagens doutro Passado. Por isso, eu deveria ficar longe da minha Alma Companheira. É por esse motivo que apenas em sonhos inconscientes aproveitávamos a oportunidade de raros encontros e muitas despedidas intumescidas de saudades.

Num novo nórdico impecável, beijei meu anjo prestes a finalizar nossa aceita e necessária penitência.

“Mesmo separados, por favor, não abandone o Marcos”, Viking sussurrou para o meu olhar marejado. Recebi o duplo conselho com serenidade.

“O que vai acontecer com a gente? Você e eu...?”, meditei, implorando para a Providência esclarecer de vez o resumo dos próximos capítulos.

“Eu e você ainda temos uma história”, suspirou Viking, brindando minha testa com o juramento sagrado de um beijo afetuoso.

“Você precisa seguir seu destino sem a minha presença física...”, ele continuou, enquanto colhia as pérolas a pipocar debaixo dos meus olhos chamuscados em doce fé comprovada.

“... mas saiba que desde a passagem eu assumi meu posto de anjo da sua guarda!”, proferimos em uníssono, provando que permaneceríamos na mesmíssima sintonia.

Viking riu. Eu também gargalhei.

Não havia mais nenhuma razão para cultivar medos infundados.

Matz seria meu protetor de agora em diante. Assumi que o novo “Moa” – eu-eu-eu-mesmo! – jamais sentiria a ausência do verdadeiro Amor.

“Você tem uma pendência com o Marcos. Ele precisa muito da sua amizade... e também dos seus conselhos administrativos!”, serpenteou Matz, sem conseguir evitar uma trollagenzinha básica.

“Nos veremos, isto é... desse jeito tão... palpável?”, eu não era capaz de formular uma frase correta, cadenciada.

“Daqui exatas setenta e duas horas, os seus sonhos nunca mais serão os mesmos, meu amor”, afirmou Matz, meu Viking, debutando o último selo velcrado.

\* \* \*

Acordei lindo, leve e solto por volta da meia-noite, no microssegundo exato que separa Passado e Futuro. Na tela do meu *smart*, novecentas mensagens do Marcos. Abri um gostoso e aliviado sorriso. Eu cumpriria com alegria a minha missão programada.

Na cozinha, enquanto a água fervia e eu escolhia qual o sabor-miojo da madrugada, inspirei a essência lavanda, típica dos Alados.

Eu apenas brilhei meu semblante, pois acabara de confirmar que nada do que passei naquele dia maluco foi invencionice da minha intrépida carência.

Pelos contrários!

A realidade é bem mais simples do que nossa complexa mania eterna de deturpar – sem estudar e compreender – os fatos gritados da Vida.

Basta você...

... bem...

... você já sabe o teor da Grande Resposta!





PROJETO GRÁFICO & EDITORAÇÃO: **Moa Sipriano**

IMAGEM DA CAPA & TIPOGRAFIA: **pixabay.com** · **dafont.com**

SITE OFICIAL & CONTATO: **moasipriano.com** · **escritor@moasipriano.com**